

## Dores e amores

### *Pains and loves*

**Juliana Maria Hilel**

Estudante de Ciências Sociais na UFF

**Resumo:** As dores e os amores sofridos são o tema dos poemas de Juliana Maria Hilel que descrevem fatos históricos sobre dores e conflitos, que deixam marcas viscerais em toda a sociedade. Os seus versos têm muito sangue e gritos de luta em seus versos, erguendo bandeiras contra preconceitos e violências sociais. Para Juliana Hilel, as portas para a arte ainda são muito fechadas, é preciso levar nossa voz onde é possível se fazer ouvir.

**Palavras-chave:** Poemas brasileiros. Poesia contemporânea. Problemas sociais.

**Abstract:** The pains and loves suffered are the theme of Juliana Maria Hilel's poems. The verses describe historical facts about pain and conflicts, leaving visceral marks on society as a whole. The poems are filled with blood and cries of struggle, raising flags against prejudices and social violence. For Juliana Hilel, the doors to art are still very closed; it is necessary to take our voice where it can be heard.

**Keywords:** Brazilian poetry. Contemporary poetry. Social problems.



## Aprisionados no tempo

Era um navio de carga  
Tinha muita mercadoria  
Coisa que rende dinheiro  
Mas estraga  
Tem praga que faz sangrar os dentes,  
Tem que jogar no mar  
Prá não contaminar  
Doentes são prejuízos

O navio chegou  
A carga chora  
Amarrados uns aos outros  
O comprador analisa  
E fala: "Serve!"

Então, começa o leilão  
Braços fortes para a lavoura  
Mulheres para a labuta  
Tem até mais clarinha  
Prá servir a sinhá (ou ao senhor)  
Mostra os dentes  
As mãos e o corpo  
Atributos laborais dos homens e mulheres  
Atributos luxuriantes das jovens meninas.  
Todos exibidos no cais  
"Quem dá mais?"

Aos gritos  
Famílias são separadas  
Cada qual vai para um lado  
Caminhos sem volta  
Agora é a lei do chicote  
Do pelourinho  
Da senzala.

Nesta terra  
Negro só trabalha  
E sonha em fugir  
Encontrar outros  
E partir

De volta à África querida  
Terra que ficou prá trás  
O negro ficou aprisionado  
Em um tempo cruel  
De carne e de coração dilacerados.

A esperança tem canto  
Tem jogo de capoeira  
Tem tambores embalando os cantos  
Dos guias que viraram santos

"Mas eu vou fugir  
E fujo  
Corro."

Corre o negro  
Corre o capitão do mato  
Correm os cães

Capitão do mato atira  
O negro cai e sangra  
Ainda dá tempo de pensar:  
"Melhor morto e livre!"

Fechou os olhos e abriu  
Não morreu  
Ainda sangra.

O sangue encharca a mesma terra  
Em outro tempo  
Tempo dos capitães do asfalto  
A senzala é o morro, a comunidade  
Onde o negro segue amontoado  
Encarcerado na sua cor  
No seu destino,  
Preso num tempo cruel que nunca passou:  
O tempo da escravidão!

## Inverno

No inverno  
As carnes tremem,  
Os ossos doem  
será que dói neles também?

No inverno  
A névoa da invisibilidade se dissipa  
E a misericórdia acorda.

No inverno  
Tem sopa quente e roupa seca  
Maior que meu corpo desnutrido  
De verões, primaveras, outonos  
Mas no inverno eles sempre vêm  
Será que arrumam gavetas?

Neste inverno  
Tem até café preto quente,  
Com cheiro que me fez ouvir  
Quase (de verdade) a voz de mainha chamando  
Pra tomar café preto com farinha.

E mainha dizia:  
"Cê vai crescer, vai embora do sertão  
aqui é muita dor neste calor, vai ganhar o mundão  
lá tem oportunidade, vai fazer faculdade  
enricar e voltar prá me tirar deste inferno!"

Será que mainha sabia do inverno?

## Manha

Numa terra tão bonita  
tem sujeira debaixo do tapete  
tem dinheiro na mala, no escritório, na sala.  
Rola corrupção.  
Rolo com trapo, com fiapo e fiasco.

“Bêbado falou demais!”  
Já foi, fazer o quê?

E segue a eleição  
As promessas falhas de sempre  
Assim se vence!

Quem “ganha” é o pobre  
É o jogo  
Fazer pobre, muitos pobres,  
Eles têm a “manha”.

Vende o voto e vota em outro  
sem saber que foi pago pelo outro  
que faz campanha invertida  
para enganar gente sabida!

## Mulher em flor

Eu flor  
Me vestem de poesia  
sou regada, admirada, sou presente  
Sou podada, mutilada,  
Cadê a vida?

Eu bicho feroz  
sou temida, admirada,  
aprimada, treinada  
Protegida  
Para quem?

Eu pássaro  
Invejam minha asas  
imitam meu voo,  
vestem-me de gaiolas, podam minhas asas,  
Por quê?

Eu criança  
Cantam meu olhar, meu riso é poema,  
sou oprimida, crescida, abusada  
preciso me defender  
De quem?

Eu mulher  
Me vestem de beleza  
uso adornos de leis,  
sou menos, sou julgada, oprimida, abatida,  
Até quando?

Eu flor quero viver no galho  
até me despetalar ao vento!

Eu bicho quero liberdade  
correr, caçar, sem ser caça!

Eu pássaro quero voar  
abrir minhas asas e planar!

Eu criança quero brincar e crer  
que posso confiar e ser inocente!

Eu mulher quero ser humana  
sem precisar de batalhas, de dia, de delegacia,  
somente viver, a poesia de ser  
quem eu escolher ser:  
flor, bicho, pássaro, criança!

Quem sou?  
Sou MULHER,  
Sou LIVRE!

## Sangue's

Sangue de pobre  
Sangue de nobre

Sangue na favela  
"Que novela!"  
Sangue na mansão  
"Investigação!"

Sangue vermelho de preto e de índio,  
De mulher e de menino  
Sangue na alma da mãe que perde o filho

Sangue na guerra, sangue na terra  
Sangue no chão, sangue na mão  
De quem pode fazer morrer

Sangue nos olhos de quem odeia a morte  
Respinga sempre nos pés descalços  
Daqueles que não têm sorte!

Sangue, sangue, sempre sangue...  
Derramado!

## Silêncios

Num burburinho de ausências  
Eu falho comigo  
Sem compreender  
Que a minha melhor companhia  
É este meu jeito de ver  
De ser, e amar... Demais!

Em um lampejo de inconsciência  
Esqueço-me das verdades vividas,  
Mergulho em devaneios  
E novamente acredito em suas falácias

Busco-te, e rendo-me à lascívia,  
É tanta dor imersa neste deleite de sabor amargo  
Que grito gargalhando, (pois choro):  
Amo-te como nada! Tudo!

E sangro reiteradamente.  
É por isso que escrevo,  
Para suprimir a saudade;  
Quem sabe assim as vozes “durmam” nos papéis  
E este silêncio se cale!

## Minha terrinha campista

Campos dos Goytacazes  
Terra de índio bravo, de negro escravo  
De europeu rico, colonizador

Capitania de São Tomé  
Paraíba do Sul  
Vila de São Salvador

Em seus canaviais abrigou dores e amores  
Um jacaré chamado Urural vive no rio  
Escravo que por um amor proibido foi sangrado  
Urural destrói barcos  
Mata gente que ousa se aproximar  
Do Convento da Lapa, prisão de sua amada!

Terra de gente inteligente, politizada, teve até presidente!  
Fala chicrete, cabrunco, lamparão  
Usa enxugador, engomador  
Sente gastura.  
Come chuveiro, melado e rapadura.

Gente sofrida, gente pobre  
Povo bom, rico de faculdades.

Quem sabe um dia o campista possa estudar  
Trabalhar e morar na terrinha  
Prá veranejar janeiro  
Seguir o trio *do Farol em fevereiro*  
Depois aposentar e ir coisando a vida  
Empinando papagaio e pocando a boca do balão.  
Show de bola!

Juliana Maria Hilel

## Sobre a autora

**Juliana Maria Hilel**  

Graduada em Ciências Sociais pelo Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR) da Universidade Federal Fluminense (UFF). A autora publica seus poemas em jornais, redes sociais e declama poesias em casas noturnas e eventos.

Email: [jhilel@id.uff.br](mailto:jhilel@id.uff.br)